"UM PONTO DE REFERÊNCIA FORÇADO": SENTIDOS DA PALAVRA "ESCRAVIDÃO" EM UM TEXTO DA IMPRENSA BRASILEIRA NOVECENTISTA

Jaqueline Cunha Ribeiro
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2033-6164
Endereço eletrônico: jaqueline.ribeiro@uesb.edu.br

Jorge Viana Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8548-4379
Endereço eletrônico: viana.jorge.viana@uesb.edu.br

Palavras-chave: escravidão; folha da manhã; semântica do acontecimento.

INTRODUÇÃO

Entre os séculos XVI e XIX, na América Portuguesa, posteriormente Brasil, estabeleceu-se, de forma ampla e sistemática, o processo de escravização de milhares de homens, mulheres e crianças oriundos de diferentes pontos do continente africano. Esse funcionamento se difundiu de forma institucionalmente estruturada pelo amplo território, construindo uma teia de relações que impactou e continua impactando, mesmo após a abolição (Lei n° 3.353/1888), o ideário social, político e econômico do país. Considera-se, ainda, que a escravidão se constituiu como um sistema de dominação que construiu, por um viés linguístico, a legitimação de desigualdades e hierarquias sociais. Nessa perspectiva, seu estudo pode possibilitar a compreensão dessas assimetrias, assim como de formas antigas e contemporâneas de autoritarismo e resistência.

À vista disso, este trabalho, vinculado à pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLin/UESB) intitulada "A designação da palavra 'escravidão' no Brasil pós-abolição: uma análise semântico-enunciativa de textos da imprensa brasileira publicados em 13 de maio (1888-2024)", norteia-se pelo objetivo de analisar, no domínio dos estudos semântico-enunciativos, como funcionam os sentidos da

palavra "escravidão" no Brasil pós-abolição, tomando enquanto *corpus*, por recorte, o texto intitulado "O cicoentenario da Abolição – Onde esteve o mal, segundo Nabuco – A escravidão e suas consequencias", publicado pelo jornal "Folha da Manhã", no dia 13 de maio de 1938, em São Paulo. Para alcançar o objetivo proposto, mobiliza-se os pressupostos teórico-metodológicos da Semântica do Acontecimento (Guimarães, 2002, 2007, 2009, 2011, 2018), uma semântica que considera que os sentidos são constituídos na/pela enunciação.

Passemos, então, à metodologia.

METODOLOGIA

Conforme dito, considera-se, neste trabalho, o aporte teórico-metodológico da Semântica do Acontecimento (Guimarães, 2002, 2007, 2009, 2011, 2018), uma semântica que considera que os sentidos são construídos na enunciação, no acontecimento do dizer, que, por sua vez, instaura uma temporalidade própria, marcada por um presente que possibilita a projeção de sentidos e por um passado que os faz significar (Guimarães, 2002, p. 12). Partindo da posição teórica adotada, foram mobilizados os seguintes procedimentos enunciativos de produção de sentidos: reescrituração, que, ao redizer o dito, predica algo ao reescriturado produzindo sentidos; e articulação, que considera as relações semânticas na contiguidade do enunciado (Guimarães, 2018). A análise a partir desses procedimentos possibilita a construção do Domínio Semântico de Determinação (DSD)[1], representação gráfica dos sentidos identificados no(s) recorte(s) analisado(s). Dados os limites do trabalho, optou-se, por recorte, pela seleção de dois excertos para análise.

Postas essas considerações metodológicas, passemos, então, à análise e discussão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Consideremos, então, o recorte 1[2]:

RECORTE 1

> (E1) O mal, já o disse Joaquim Nabuco, não foi que os negros viessem, mas que viessem como **escravos**. (E2) A **escravidão** retardou a integração do paiz numa forma superior de economia e, portanto, o seu desenvolvimento. (E3) Essa mesma **escravidão** creou uma atmosphera social favoravel a

[1] Constrói-se o DSD, conforme Guimarães (2018), com a utilização dos seguintes símbolos para representação das determinações de sentido das palavras no texto: ┬┴┤├. Além disso, para representar relações de sinonímia, utiliza-se o símbolo: -----, e para representar relações de oposição, utiliza-se este símbolo: _____.

[2] Para uma melhor operacionalização da análise, optou-se pela divisão dos excertos em enunciados da seguinte forma: E1, E2 e assim sucessivamente.

> attitudes intellectuaes e vicios mentaes de que ainda não nos libertámos (FOLHA DA MANHÃ, São Paulo, 13 de maio de 1938, p. 2, *grifos nossos*).

No enunciado 1 (E1), o termo "escravos" se articula a "negros" e a "mal", construindo um sentido de que a presença dos negros na formação do Brasil não foi um problema, mas sim a presença desse grupo social na condição de escravos, estabelecendo um sentido de que a escravidão desse grupo social não foi natural, mas criada e que essa criação funciona, portanto, como uma espécie de pecado de origem da formação social brasileira. No enunciado 2 (E2), a palavra "escravidão" aparece articulada à sequência "retardou a integração do paiz numa forma superior de economia e, portanto, o seu desenvolvimento", produzindo o sentido de obstáculo estrutural ao progresso econômico do país. A escravidão é significada como impedimento à modernização das relações de produção e atraso à passagem para uma economia mais complexa, ou seja, a escravidão trava o desenvolvimento nacional. No enunciado 3 (E3), "escravidão" é reescriturada por repetição e articulada à sequência "creou uma atmosphera social favoravel a attitudes intellectuaes e vicios mentaes de que ainda não nos libertámos", indicando um sentido de que esse sistema não se limita ao campo econômico, mas a algo que produziu efeitos psicológicos e culturais duradouros. Ele moldou mentalidades, hábitos e valores sociais negativos que continuam presentes, como uma herança social tóxica.

Vejamos, então, o recorte 2:

RECORTE 2

> (E1) Durante a **escravidão**, cresceu ainda mais a camada social livre, porém pobre da população que não ia para os campos, porque lá estava o **escravo**; [...].
> (E2) Nada disso se explica sem a **escravidão**. No fundo, a **escravidão** é um ponto de referencia[3] forçado, essencial para o estudo do Brasil do passado e para a compreensão do Brasil do presente (FOLHA DA MANHÃ, São Paulo, 13 de maio de 1938, p. 2, *grifos nossos*).

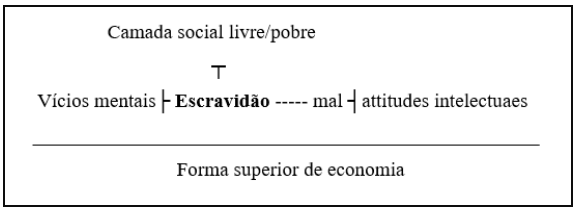
No enunciado 1 (E1), a palavra "escravidão" se articula a "Durante", marcando o período escravocrata, e a "cresceu ainda mais a camada social livre, porém pobre da população…", produzindo o sentido de coexistência entre o trabalho escravo e o trabalho livre, bem como construindo o sentido de que o trabalho escravo monopolizava a maior parte das funções desempenhadas, restando à camada livre/pobre da população poucas possibilidades de renda, o que, por sua vez, aumentava o índice de pobreza. Estabelece-se,

[3]Os excertos analisados foram transcritos mantendo a grafia como no texto original.

desse modo, uma relação de oposição entre "livre" e "escravo" significadas pela possibilidade (ou não) de trabalhar. A palavra "escravo" se articula a "campos", significando a escravidão como sistema excludente do trabalho agrícola. O trabalho no campo é monopolizado pelo escravo, o que impede o homem livre pobre de se integrar ao setor produtivo rural. A escravidão bloqueia, assim, o acesso ao trabalho, em vez de organizá-lo. No enunciado 2 (E2), a palavra "escravidão" se articula a "Nada disso se explica sem", produzindo o sentido de escravidão como chave interpretativa de todos esses problemas sociais e econômicos. Ela é apresentada como causa fundamental, sem a qual a realidade brasileira não pode ser compreendida. Por fim, a palavra "escravidão" aparece reescriturada por "é um ponto de referência forçado" que se articula a "essencial para o estudo do Brasil do passado e para a compreensão do Brasil do presente", construindo um sentido historiográfico e interpretativo. Ela não é apenas um fato histórico, mas um eixo explicativo central da formação nacional. Assim, a escravidão conecta passado e presente, funcionando como base para entender as permanências do atraso, da desigualdade e da baixa produtividade.

A partir da análise empreendida, foi possível chegar à construção do seguinte DSD:

Figura 1-DSD: Sentidos de *escravidão*



Fonte: Elaboração própria

O DSD acima pode ser lido da seguinte maneira: A palavra "escravidão", em sinonímia com "mal", determina "camada social livre/pobre", "vícios mentais" e "attitudes intelectuaes" ao tempo em que se encontra em uma relação de oposição com "forma superior de economia".

CONCLUSÕES

A partir da análise empreendida, conclui-se que, nos excertos selecionados, funcionam sentidos de "escravidão" como retrocesso quanto ao desenvolvimento econômico do país e como um fator de aumento de pobreza da camada social livre/pobre.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888. **Lei Áurea**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM3353.htm. Acesso em: 02 de junho de 2026.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas, SP: Pontes, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo. Domínio Semântico. In **A palavra Forma e Sentido**. Campinas, SP: Editora RG, 2007.

GUIMARÃES, Eduardo. **A enumeração funcionamento enunciativo e sentido**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, v. 51, n. 1, p.49-68, 2009.

GUIMARÃES, Eduardo. **Análise de Texto**: Procedimentos, Análises, Ensino. Campinas, SP: Editora RG, 2011.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica, enunciação e sentido**. Campinas, SP: Pontes, 2018.